



GT 065. Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Osmundo Santos de Araújo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) - Coordenador/a, Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA) - Debatedor/a, Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (Programa Pós-Graduação Estudos Étnicos e Africanos; Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Debatedor/a

O acesso à universidade suscitou novas perspectivas para segmentos socialmente minoritários, a exemplo de indígenas e quilombolas, e mesmo negros (pretos e pardos) urbanos, cujos indivíduos ascenderam ao ensino superior como realizações pessoais e/ou estratégias coletivas. Todavia, se ainda persistem inúmeros obstáculos à sua permanência na academia, percursos acadêmicos de indígenas, negros e quilombolas têm sido construídos na contramão das adversidades. Pretende-se reunir, neste GT, comunicantes atentas aos efeitos dessas trajetórias sobre coletivos indígenas, negros e quilombolas, buscando-se responder a quatro questões básicas: [1] até que ponto o acesso à universidade pública tem auxiliado na consolidação/formação de uma autonomia e protagonismo indígena, negro e quilombola em um cenário de deterioração gradual de direitos? [2] Em que sentido a produção acadêmica e política desses atores sociais tem feito diferença em relação ao que, antes, já se produzia? [3] Quais os novos olhares e perspectivas trazidos por estes novos intelectuais indígenas/quilombolas/negros? [4] Que repercussões têm sido produzidas, nos coletivos de origem, pela ascensão de indígenas e quilombolas/negros ao ensino superior em níveis de graduação e pós-graduação?

Quais as trajetórias do conhecimento antropológico? Algumas reflexões de uma experiência

Autoria: Isaac Palma Brandão

Primordialmente esse work é sobre certo desconforto. Provocado em mim, mas também por mim e diversos colegas negros e negras, principalmente, aqueles e aquelas considerados militantes e que como eu já foram objeto de pesquisa?. A antropologia, pelo menos a partir de certo desenvolvimento, pode ser historicamente caracterizada como uma disciplina vinculada à dominação colonialista, racial e patriarcal. As pesquisas desenvolvidas por antropólogos, em diversos contextos, obedeceram a dinâmicas vinculadas às redes de dominação. Grande parte das pesquisas, que hoje são lidas como bibliografia clássicas podem ser interpretadas, em determinada chave crítica, como relatórios coloniais. A primeira pergunta, que inspira as discussões deste work, é: para quem serviu todo esse conhecimento? Esse work apresenta uma série de reflexões, partindo da minha trajetória enquanto jovem negro mestrando em Antropologia. Por tratar-se de uma trajetória, esboço um mapeamento das redes e conexões que acessei, através de vínculos afetivo, políticos ou de interesse. Buscando ressaltar as tensões, com as quais tenho que conviver durante esse percurso (ainda em andamento), reflito sobre habitar esse espaço a partir das minhas posições no mundo e sobre a pertinência dessas reflexões no tensionamento do conhecimento antropológico. Dessa forma, narro o meu encontro com determinadas discussões, textos, aulas, conceitos e contextos. Sigo aqui debates propostos por intelectuais negros/os, feministas, feministas negras, autoras e autores pós-coloniais e decoloniais sobre a relevância da inserção de outras experiências no contexto de produção do conhecimento científico. Acontecimentos vivenciados por mim e outros estudantes negros serão codificados como situações etnográficas. As discussões aqui expostas são sobre o campo científico, as sensibilidades acadêmicas, as



disputas epistemológicas e os contextos institucionais a partir de onde emergem esses conhecimentos. Trata-se, portanto, de uma constante indagação advinda da inspiração etnográfica sobre as condições a partir das quais o conhecimento é produzido. Discuto ainda, a partir de pesquisas concluídas ou em andamento - na intersecção entre violência, segurança pública e justiça criminal - sobre ser pesquisador e militante. Indago a ideia, muito disseminada, de que pessoas implicadas em temas teriam que, necessariamente, produzir um afastamento? por correrem o risco de ?naturalizar? certos aspectos. Por fim, ressalto a relevância de estudantes negros enfocarem as próprias experiências e trajetórias como forma particular de produzir conhecimento.



Realização:



Apoio:



Organização:

